
ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de — *Atlas Lingüístico da Paraíba*. Brasília, UFPB/CNPq. 1984. 2 vols.

A publicação, em 1984, do *Atlas Lingüístico da Paraíba*, organizado pela Prof.^a Maria do Socorro Silva de Aragão, era aguardada há quatro anos, desde o momento em que a Universidade Federal da Paraíba editara o *Questionário* para o referido Atlas. O *ALPa* vem, pois, satisfazer aquela expectativa inicial e vem se constituir em mais um passo dado rumo à série de Atlas regionais, vislumbrados como uma das poucas formas de se poder chegar a um Atlas Lingüístico do Brasil ou, pelo menos, vem ele recolher, cientificamente, material para o conhecimento da realidade lingüística brasileira.

O *ALPa* compõe-se de 2 pequenos volumes (30 x 21 cm), com 182 e 75 páginas cada um, com a promessa de um terceiro volume.

O primeiro destes volumes traz, na primeira parte, além dos Agradecimentos, Resumo, Apresentação e Prefácio do Prof. Silvio Elia, o itinerário metodológico seguido na elaboração do Atlas e, na segunda parte, as cartas léxicas e fonéticas do questionário geral. Ao todo, são 149 cartas, 81 fonéticas e 68 léxicas.

O segundo volume traz, de início, toda a primeira parte do primeiro volume, inexplicavelmente repetida, apenas acrescida dos dados histórico-geográficos do Estado da Paraíba, dos dados geo-econômicos e sócio-culturais das 25 localidades, da ficha dos informantes e, por fim, da análise fonético-fonológica, da análise morfossintática e do glossário do material relativo ao questionário geral.

O terceiro volume deverá trazer as cartas léxicas e fonéticas do questionário específico para mandioca, cana-de-açúcar, agave, algodão e abacaxi.

A pesquisa cobriu todo o Estado da Paraíba, através dos 25 pontos indicados nas cartas e que correspondem, cada um deles, a mais três municípios, com um total, pois, de 75 municípios-satélite, mais 25 municípios-base. Ao todo, são 100 pontos, distribuídos, ao que parece, por critério de distância geográfica, por uma área de 56.372 km² e uma população de 2.778.420 habitantes.

O número de informantes varia em cada ponto da rede lingüística de um máximo de 10 a um mínimo de 3, perfazendo um total de 107 informantes, 58 do sexo feminino e 49 do sexo masculino. A idade dos informantes varia de 30 a 75 anos e o grau de instrução, do analfabeto ao primário completo.

As entrevistas foram gravadas e transcritas posteriormente, utilizando-se o Alfabeto Fonético Internacional, com redução de sinais e diacríticos.

São estes, em resumo, os principais dados referentes à recolha e apresentação do material que constitui o "corpus" lingüístico do *ALPa*.

*Departamento de Lingüística — Instituto de Letras, História e Psicologia — UNESP — 19800 — Assis — SP.

A seriedade e a competência da Prof.^a Maria do Socorro Silva de Aragão e de toda a equipe de colaboradores que teve a assessorá-la transparece em cada página do *ALPa*. As falhas, os defeitos ou as omissões que serão apontadas em nada desmerecem a obra, apenas indicam procedimentos diversos em face do material recolhido.

Chama-nos a atenção, logo de início, ao folhear o Atlas, o seguinte fato: diante de uma carta léxica qualquer, desde que ela se apresente com um certo número de variantes, não se tem nenhum instantâneo da fala paraibana e não se pode perceber, muito menos, a existência ou não de falar(es) paraibano(s). Há um número exagerado de sinais para um mesmo ponto, carregando-o e dificultando totalmente a visualização de possíveis áreas lingüísticas. Tomem-se, por exemplo, as cartas 4, 7, 9, 10, 11, 14, 15 etc. Só depois de muito esforço e tempo poderíamos nos arriscar a dizer que, na carta 4, no ponto 1 talvez pudéssemos deixar de lado ou mesmo eliminar as variantes léxicas *oitada*, *fonte*, *vertente* e *fonte d'água*, aproveitando apenas *olho d'água* e *olheiro*. Como chegamos às duas variantes? Por eliminação de *oitada*, que só aparece uma única vez em todo o Estado, por eliminação de *vertente*, que aparece duas vezes no Estado e, com alguns riscos, por eliminações de *fonte* e *fonte d'água*, por causa da inexistência das referidas formas nos pontos 2, 3, 4, 6, 8 etc., que caracterizariam, todos eles, uma área mista de duas variantes: *olho d'água* e *olheiro*. O mesmo poderia ser feito para todo o Estado e teríamos uma visão real das duas variantes, discriminando duas áreas, uma representada por *olho d'água*, comum em todo o Estado, e outra, mesclada com a variante *olheiro*, caracterizada pelos pontos 1, 2, 3, 4. Desse modo, além de se caracterizar visual e claramente a distribuição geográfica das duas variantes, estariam sendo eliminadas, da carta, todas as outras formas que aparecem uma única vez: *correnteza d'água*, *vertente d'água*, *água da natureza*, *água de nascerça*, *vertensa*, *bomba d'água* e *mineração d'água* que, ao que tudo indica, podem ser criações individuais. O mesmo procedimento enxugaria as outras cartas, deixando à mostra e claramente a existência de possíveis áreas lingüísticas.

Outro fato que nos chama a atenção é o que diz respeito à ordem em que as variantes aparecem no quadro das convenções. Esperávamos, é lógico, que a seqüência vertical obedecesse a um número quantitativo decrescente. Isto não ocorre, pois na carta 7, por exemplo, as variantes *barreira*, que aparece em 17 pontos, e *beira do rio*, que aparece em 16 pontos, estão separadas pela variante *ribanceira*, que aparece em apenas 8 pontos. Ainda na mesma carta, as variantes *vargem* (5 pontos), *Jagem* (1 ponto), *vazante* (2 pontos) estão antes de *areias* (7 pontos). Apesar disso, pelo menos nesta carta a variante de maior rendimento ainda aparece no topo da tabela de convenções. Na carta 66, no entanto, a ordem decrescente é totalmente desrespeitada. Ao invés de *bolacha do Joelho* (18 pontos), *bolacha* (9 pontos), *rótula* (6 pontos), *bolachinha* (3 pontos), *cabeça do Joelho* (3 pontos), *rodinha do Joelho* (2 pontos) e *patinho* (1 ponto), que nos mostraria, de relance, pelo menos, a variante mais comum, temos uma seqüência totalmente diferente: *rótula*, *bolacha do Joelho*, *bolacha*, *rodinha do Joelho*, *cabeça do Joelho*, *patinho* e *bolachinha*. Isto sempre ocorre, mesmo quando o número de variantes não é tão grande.

Quanto às cartas fonéticas, uma rápida passagem de olhos mostra discrepâncias entre os símbolos fonéticos do Alfabeto Fonético Internacional (pp. 18-20) e as transcrições que figuram nas cartas. São, pelo menos, 7 os símbolos discrepantes: /T/ e /ʔ/, /r/ e /r/, /ʀ/ e /r/, /b/ e /β/, /s/ e /z/, /ʃ/ e /ʒ/, /ʒ/ e /ʒ/, afora, é claro, as diferenças naturais entre um elenco no qual se utilizaram símbolos fonéticos batidos à máquina e uma transcrição na qual se utilizam símbolos fonéticos transcritos manualmente.

Por que não se utilizou apenas a máquina de escrever na transcrição das variantes para a montagem das cartas? Elas teriam outra aparência. O mesmo se pode dizer das cartas léxicas, onde não teríamos letras manuscritas como o *j*.

Restam-nos algumas considerações sobre o Glossário. Entendemos que o Glossário, de maneira inversa ao que se diz no item 1, das normas (“Foram selecionados: os termos usados com maior frequência na Paraíba”), devesse registrar todos os termos, indicando-se a sua frequência ou, melhor ainda, os pontos em que eles ocorrem. Esta prática permitiria reduzir, nas cartas, o número de variantes. Uma carta como a de n.º 11, por exemplo, que traz 28 variantes, poderia reduzir-se a 18, se deixássemos de lado as ocorrências únicas, ou até a 10, se eliminássemos as ocorrências duplas. Todo o material não aproveitado nas cartas deveria figurar, no entanto, no Glossário, que passaria a registrar todas as ocorrências dignas de confiança. Note-se ainda que, embora se diga que tenha havido seleção dos termos usados com maior frequência para a sua utilização no Glossário, o fato nem sempre ocorre. Por exemplo, *ventinho fraco*, carta 11, aparece apenas uma vez e, no entanto, está incluído no Glossário. Ele ocorre apenas no ponto 19, ao lado das variantes *vento fraco* e *vento leve*, num ponto em que foram entrevistados 3 informantes. Por outro lado, variantes como *porquinho*, carta 118, que ocorre 11 vezes, *peneira de palha*, carta 108, com 3 ocorrências e *bebão*, carta 87 com 7 ocorrências, não figuram no Glossário.

A impressão que se tem é a de que o material recolhido foi tão vasto e tão denso, que os responsáveis pelo trabalho de manipulação, ordenação e apresentação dos dados perderam o possível controle.

São estas, em resumo, algumas das observações que a leitura, um pouco mais atenta, do *Atlas Lingüístico da Paraíba* nos sugeriu. As observações, repetimos, em nada desmerecem o *ALPa*. Há, por trás dele, sustentando-o solidamente, muito trabalho, muitas caminhadas penosas, muito sofrimento, vencidos quase sempre pela disposição, dedicação e amor ao trabalho de campo do grupo paraibano.